



O que são Orixás, Guias e Falangeiros?

Podemos dizer que a palavra Orixá, em seus aspectos básicos de interpretação, significa: “luz do senhor”, “mensageiro”, “força da cabeça”. “Ori” significa “cabeça”, elemento fundamental para o pensamento contínuo dos seres encarnados, como se fosse uma caixa de ressonância da mente extracorpórea.

O discernimento e o poder criativo da mente ressoam na caixa craniana que abriga o cérebro, mas verdadeiramente sua fonte geradora está num duplo em outra dimensão vibratória, uma força característica, de cada espírito individualizado, sua essência divina particularizada e diferenciada do Criador, o senhor da força sutil, regente de toda a natureza criada, manifestação diferenciada das qualidades e fatores de Deus.

Afirmamos que o Orixá de cada individualidade não tem a ver com uma entidade extracorpórea, mas originalmente com uma essência primordial, interna que o acompanha, energética e vibratória,

cósmica, que influencia o modo de ser e o destino de cada consciência – Ori – seja encarnado ou desencarnado.

Foi pelas histórias de heróis humanos mantidas pela oralidade, de geração a geração, que se preservaram os conhecimentos das essências ou fatores divinos da cosmogonia religiosa dos Orixás. Com as lendas e antropomorfismo de cada Orixá (fator divino), eles são interpretados como humanos com poderes sobrenaturais para exercerem o domínio sobre um reino da natureza. Pela representação simbólica de seus aspectos comportamentais, com atributos de divindade materializados numa personalidade, aproxima-se o intangível sacralizado do tangível profano. O sagrado passou a fazer parte da manifestação das almas encarnadas e o próprio corpo o receptáculo, por meio do transe ritualístico, momento que se une num mesmo espaço o passado e o presente, o espiritual e o físico, resgatando do inconsciente para o consciente o aprendizado milenar do espírito arquivado em seu inconsciente profundo.

Em sua essência primordial são altas irradiações cósmicas indiferenciadas, antes do rebaixamento vibratório até o plano em que vive a humanidade, propiciando a expressão da vida em todo o planeta.

Assim como é em cima é embaixo. O ser humano é um microcosmo reflexo do macrocosmo. Não por acaso o organismo físico em funcionamento contém todos os elementos planetários: ar, terra, fogo e água. Todos nós temos, a cada encarnação, a influência mais intensa de um determinado Orixá, que podemos chamar de “Pai de Cabeça”. Essa força cósmica, regente de frente, é conhecida como Eledá, a responsável por nossas características físicas e psicológicas, de modo que refletimos os arquétipos ou características comportamentais peculiares ao Orixá que nos rege. Os demais Orixás que nos influenciam são conhecidos como Adjuntós ou Juntós – e têm especificidades conforme a ordem de influência, da maior para a menor, em segunda, terceira, quarta e quinta estância, ou atrás e na lateral esquerda e direita da cabeça, compondo o que denominamos na Umbanda de coroa mediúnica do médium.

Atuam ainda na coroa do médium de Umbanda, os espíritos Guias e as Entidades que tem compromisso com a tarefa mediúnica, abraçada juntamente no Plano Astral antes da reencarnação do médium. Os espíritos na Umbanda trabalham enfeixados por linha vibratória, que por sua vez se organizam por Orixá, tema que aprofundaremos num próximo capítulo.

Na Umbanda, de uma maneira geral, não consideramos os Orixás espíritos individualizados em evolução. Embora nossas irmãs das religiões afro-brasileiras entendam, majoritariamente, os Orixás como ancestrais divinizados, ou seja, espíritos que já encarnaram no passado e foram heróis em suas comunidades e nações, os incorporando numa linha de ancestralidade remota. Na concepção teológica rito-litúrgico que predomina na Umbanda, os Orixás são energias criativas divinas de alta voltagem sideral, impossíveis de serem expressas e incorporadas pelo mediunismo de terreiro. Quem se manifesta pela mecânica de incorporação são os espíritos falangeiros dos Orixás, que trabalham agrupados por linha, que, por sua vez, estão agrupadas pela irradiação de cada Orixá.

Por outro lado, é possível entrar em transe ritual, anímico, que caracteriza os estados alterados e superiores de consciência e se manifesta os Orixás, o que é um processo diferente da mecânica tradicional de incorporação. Ocorre que de regra, o transe na Umbanda é mediúnico e acontece para que haja a comunicação oral dos espíritos manifestantes com os consulentes. É a tradicional incorporação, em que o corpo astral da entidade comunicante interpenetra o corpo astral do médium. Obviamente a intensidade deste mecanismo varia de médium para médium, em conformidade com sua sensibilidade; da irradiação intuitiva à semiconsciência, situação em que o mediuneiro se lembra vagamente do que falou nas consultas.

Os cultos ritualísticos que manifestam os Orixás ocorrem preponderantemente por um processo arquetípico anímico de transe, que flui do inconsciente do sensitivo, sem incorporação por uma entidade externa (acontece de dentro para fora). Os Orixás de regra

não falam e se manifestam nas danças coreográficas que reconstroem suas origens mitológicas, e a partir do transe ritualístico se “humanizam”, expressando-se no corpo de quem os “recebe”. O gestual simbólico que realizam revive o mito antigo e harmoniza o ambiente e o inconsciente coletivo dos circunstantes, que se ligam reciprocamente por laços de afinidade espiritual, no mais das vezes fruto de encarnações passadas em clãs religiosos africanos, e aí rememoram a mitologia ancestral pelos movimentos, vestes, sons, cores e gestos das manifestações – estados alterados e superiores de consciência.

Os centros umbandistas ligados a uma ancestralidade africana mais acentuada podem concomitantemente com os espíritos falangeiros, praticarem em seus ritos internos os toques, cantos e louvações litúrgicas para os Orixás, acomodando-se pacificamente o transe anímico ao mediúnico. Os mentores da Umbanda convivem harmoniosamente com a diversidade.

São “infinitas” as possibilidades de interpolações rituais, dado a liberdade que todo sacerdote umbandista, juntamente com seus Guias Astrais, tem de elaboração litúrgica. Essa “elasticidade” de opções fortalece a Umbanda sem descaracterizar seu corpo normativo central, ditado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, permitindo que cada terreiro tenha uma “identidade” própria, contudo, todos sendo Umbanda. Ao contrário do que preconizam muitos cidadãos afeitos as purezas doutrinárias e cartilhas prontas, temerosos do desconhecido e de “novidades”, acomodados que estão no tédio do já sabido assim como a preguiça não pula de galho tão facilmente. Os transes rituais induzidos na Umbanda resgatam estes arquétipos, dos Orixás, e funcionam como potentes catalizadores para a manutenção da saúde e também da cura e autocura umbandista.

No dia a dia dos terreiros, não é incomum nos referirmos aos enviados dos Orixás como sendo o próprio Orixá. Então, um Caboclo de Ogum, Oxossi ou Xangô é chamado respectivamente de Ogum, Oxossi ou Xangô.

Concluindo, existem ainda os Orixás individuais de cada médium, que compõem a coroa mediúnica pessoal, isto é, o Eledá e os Adjuntós. Então, podemos dizer que associados ao Ori – cabeça – de cada medianeiro se aglutinam os Guias e Guardiões espirituais, espíritos que são consciências, têm inteligência e compromisso de trabalho com o médium, que se farão manifestar por meio da mecânica de incorporação, irradiação intuitiva, inspiração, vidência, audiência e demais “dons” mediúnicos, nas tarefas caritativas que foram previamente combinadas no Plano Astral antes do reencarne do médium.





O transe ritualizado

Conceituamos transe como uma experiência incomum – o que não quer dizer anormal –, vivenciada num grupo de pessoas sensíveis, ou médiuns, passível de observação sistematizada num terreiro de Umbanda. É um estado alterado e superior de consciência, uma experiência psíquica incomum que não se enquadra no paradigma científico, mas que não significa algo patológico, que se assim o fosse deveria ser observado pela medicina e não nos terreiros. Trata-se das capacidades anímicas e parapsíquicas intrínsecas ao espírito encarnado, que despertadas “rompem” os tênues limites sensoriais do corpo físico, assim como a crisálida rasga o casulo para a borboleta voar.

Nos transe acontecem experiências que transcendem as leis da natureza ou a base de conhecimentos estabelecida pela ciência atual. Temos que considerar que os fenômenos extrassensoriais, tais como percepções mentais além dos sentidos ordinários do corpo físico e da consciência, em estado de vigília, extrapolam os limites convencionais de espaço e tempo e são amplamente vivenciadas nos terreiros

de Umbanda, fazendo parte de métodos ritualísticos controladores e indutores aos mesmos.

Ao contrário do que ocorre com muitos estudiosos espiritualistas e acadêmicos das ciências sociais, psicológicas e teológicas, que estudam as religiões de transe observando-as “de fora para dentro”, carecendo de focar a vivência fazendo parte de um grupo mediúnico, nossa abordagem é de “dentro para fora”, decorrência da condição de médium, pesquisador e zelador de terreiro do autor.

Objetivamos elaborar um guia de estudos a muitos que vivem sua mediunidade na Umbanda e não encontram respostas satisfatórias para compreender o que acontece em seu mundo íntimo psíquico, notadamente nos tranSES com Orixás, Guias e Falangeiros, experiências ainda polêmicas e não amplamente compreendidas na diversidade umbandista, por vezes repletas de religiosismo exagerado, misticismo infantil, dogmas e credences pétreas que atrasam o melhoramento psicológico e de caráter do ser humano.

As experiências de manifestação dos Orixás na Umbanda, precisam de maiores elucidacões sobre as expressões anímicas do inconsciente durante os tranSES. Vamos insistir neste tópicO e voltaremos com maiores aprofundamentos. Devemos pesquisar mais e reelaborar postulações baseadas no “já estabelecido”, no imexível, sustentadas por conceitos fossilizados no passado. No momento planetário que vivemos de tranSES conscientes, a paralização no “já sabido” contribui para a manutençãO do preconceito vigente, na sociedade leiga e em parte significativa dos terreiros “umbandistas”, contra a tudo que nos remete a origem africana da Umbanda. O pensamento maniqueísta vigente, dicotômico, que divide o homem no eterno duelo entre o anjo e o demônio, o bem e o mal, amedronta-nos quanto à nossa real natureza cósmica; bloqueia-nos para que percebamos a potencialidade de nosso espírito imortal.

Por outro lado, certas lideranças formadoras de opiniãO das religiões afro-brasileiras da diáspora, comportam-se radicalmente como “proprietárias” dos Orixás, esforçando-se para trazerem para si um

pseudo poder de iniciação, como se não fosse possível a manifestação dos Orixás na “cabeça” dos filhos além dos limites metodológicos rito-litúrgicos preservados por eles. Pensemos os métodos rituais e liturgias reelaborados no Brasil; adaptações e hibridismos sincréticos entre as nações que por sua vez não existem em sua “pureza” original em África.

Nesse olhar, um Babalaô ou Babalorixá africano poderia trazer para si a “propriedade” iniciática dos Orixás, excluído o que se pratica pelas bandas de cá, tão arduamente mantido pelos ancestrais escravizados aqui. O caminho não é de intolerância e de exclusão, ensinam-nos os mestres astralizados comprometidos com esta ancestralidade, mas de bom senso e de constante esforço de resignificação, pois a tradição mais antiga no Cosmo é que tudo está em constante mudança.

Há que se esclarecer definitivamente: a religião de Umbanda não é uma degeneração de outras religiões, mas inquestionavelmente a terapêutica eletiva e necessária, fruto do sentido comum predominante na religiosidade do brasileiro. A Umbanda é uma vivência ritualista, o que não a diminui diante das outras formas organizadas de doutrinas mediúnicas que se baseiam em roteiros e diretrizes de trabalho. Reconheçamos que a verdadeira religiosidade ocorre no íntimo de cada ser, e não pela mera aplicação de fórmulas exteriores. E, atualmente, já temos comprovações da medicina, especificamente da psiquiatria, que mostram serem os rituais religiosos mediúnicos invariavelmente associados ao benefício à saúde.

Os rituais religiosos públicos, como as sessões de caridade umbandistas para a assistência, e privados – iniciações internas/sessões de desenvolvimento mediúnico – são métodos poderosos para manter a saúde mental e para prevenir o início ou a progressão de distúrbios psicológicos. Ajudam a pessoa a enfrentar o terror, a ansiedade, o medo, a culpa, a raiva, a frustração, a incerteza, o trauma e a alienação, a lidar com emoções e ameaças universais, oferecendo um mecanismo para delas se distanciar ou conviver melhor. Reduzem

a tensão pessoal e do grupo, a agressividade, moderam a solidão, a depressão, a sensação de não ter saída e a inferioridade.

A falta de frequência a uma religião ou de pertencimento a uma comunidade religiosa ainda nos priva, por nosso individualismo primário, dos benefícios produzidos pelos rituais encenados pela maioria, caminhos antiquíssimos para a saúde psicológica, pois incorporam cognições, filiação grupal, ação litúrgica coletiva e catarses individuais, como as chamadas “incorporações” dos terreiros – estados alterados e superiores de consciência – de entidades espirituais.